

ÁREA TEMÁTICA:

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

REFLEXÃO DO FUTEBOL FEMININO: UMA ANÁLISE DE OPINIÕES DAS ALUNAS DO COLÉGIO ESTADUAL GENERAL OSÓRIO

Marcela Caroline Pereira (marcela.91pereira@gmail.com)

Ana Ellen Soares Kochinski (aninhapsx@hotmail.com)

Miguel Archanjo Freitas Junior (mfreitasjr@uepg.br)

RESUMO - A escola é um espaço onde deve ser instigada a curiosidade do aluno e também onde o futuro docente pode estudar sobre vários fatores que foram sendo reproduzidos na sociedade chegando até os dias atuais. Sendo assim, este estudo foi desenvolvido a partir de uma experiência extensionista realizada em um Colégio Estadual da cidade de Ponta Grossa (PR). Onde observamos a realidade durante dois anos, -momento em que participamos do PIBID. Diante deste cotidiano escolar, resolvemos analisar e compreender as questões relativas ao gênero, relações históricas, preconceitos, dominações e principalmente a resistência existente por parte das alunas para a prática do futebol. Para alcançar os objetivos propostos, inicialmente buscamos subsídios nos estudos de alguns autores que tem abordado esta temática e seis meses de observação nas aulas. Para desenvolvimento utilizou-se o método de pesquisa - ação tendo em vista uma investigação e atuação na prática. Conclui-se que a resistência das alunas na prática do futebol é dada por um receio de se expor, sendo assim realizamos momentos práticos para quebra desses paradigmas.

PALAVRAS-CHAVE – Prática. Futebol. Feminino. PIBID.

Introdução

Quando fala-se em aspecto de gênero¹, vale apenas salientar que mesmo com todo o avanço ocorrido nas últimas décadas, ainda existem poucos relatos da mulher na história do esporte, pois por muito tempo elas ficaram invisíveis em momentos importantes de nossa sociedade. Mesmo com muitas dificuldades e preconceitos para sua inserção, com o decorrer do tempo elas foram evoluindo em vários aspectos sociais e, atualmente, desempenham papéis relevantes na mesma. Essas dificuldades, possivelmente, estão envolvidas com a ideia do sexo frágil e serem submissas aos homens.

O pouco que havia de estudos sobre a mulher, a tratava como uma figura frágil e submissa, e na Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna. Até mesmo os livros infantis, lidos até hoje, trazem história de mulheres frágeis, protegidas por homens fortes e destemidos (ECOTEN; CORSETTI; 2010).

Ainda há barreiras a serem superadas pela mulher, como o reconhecido espaço no futebol, que sempre foi visto como um esporte para os homens, cujos contatos corporais são violentos. Sendo assim, o sexo feminino era impossibilitado de praticá-lo, pois era visto como o sexo frágil. O Conselho Nacional dos Desportos – CND estabeleceu uma lei que vigorou em 1941, quando a mulher não poderia praticar esportes incompatíveis a sua natureza, estando entre esses esportes o futebol. Este decreto perdurou até 1979 (DARIDO, JUNIOR 2002).

Gênero e futebol

O início do futebol feminino tem várias versões², entretanto, institucionalmente ele se deu em meados da década de 1980, conforme Salles et al. (apud DARIDO, 2002). Ao analisar o futebol feminino historicamente, vemos as dificuldades que as mulheres tiveram de inserção nos gramados, pois somente no século XXI começa maior disseminação do esporte entre as mulheres.

¹ Gênero: categoria que indica por meio de desinências uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas. Há gêneros masculino, feminino e neutro (Dicionário Aurélio Buarque de Holanda citado por Joan Scott, 1989).

² Cujas versões fomentadas seriam: -o esporte iniciou com jogos entre empregadas domésticas em Dezembro de 1975 no Leblom; outra versão da revista Flores de 1996, p. 72-73 relata que boates gays organizavam jogos no final da década de 70; e também O jornal Brasil 1996 p.5 revela que eram peladas de rua e de maneira beneficentes feito por Atrizes de teatro de revistas em 1959. (DARIDO, 2002).

No princípio as mulheres iam aos estádios para “torcer” levando um pedaço de pano para aliviar a tensão, com o hábito ficaram conhecidas como torcedoras. Com a expansão do esporte no decorrer do tempo elas saíram das arquibancadas e passaram a praticar o esporte (ECOTEN; CORSETTI 2010).

O fator que pressupostamente influenciou no atraso para a participação da mulher no futebol é a questão de prejudica – lá biologicamente. Um estudo dirigido por Junior e Darido, (2002) mostra um especialista, chamado Ballaryni de 1940, acreditava que o futebol era violento e poderia causar danos no aparelho reprodutor da mulher e, ainda, que o futebol masculinizasse o seu corpo. Gabriel, Alexandre, Freitas (2012) salientam que, historicamente, a modalidade é arraigada como prática de gênero masculino.

A ideia que existe heranças históricas de nossa sociedade, pode ter refletido nos dias de hoje, quando vemos no âmbito escolar a resistência por parte das alunas e uma propriedade do futebol por parte dos alunos. Pressupõe - se que o comportamento desses alunos é reflexo da cultura de um país, onde o futebol é um esporte para homens, apesar de ser considerado o País do futebol. Para o Sociólogo Norbert Elias (2007) o sujeito se relaciona com a sociedade e os hábitos mudam com o tempo.

O que está em jogo quando falamos na motivação da mudança (ou seja, por que há mudança) é que, em relação aos costumes, a transformação ocorre a partir da dinâmica das classes sociais. A fim de distanciar-se das outras classes sociais, a classe superior cria novos padrões de comportamentos, padrões esses que, com o passar do tempo, são adotados pelas outras classes (LANDINI, 2007).

Objetivos

A partir deste cenário histórico, que mostra a dificuldade de inserção das mulheres na sociedade e também no mundo do futebol, o que acaba influenciando até os dias de hoje quando vamos trabalhar com a modalidade na Escola. Respeitando aspectos burocráticos, econômicos, administrativos entre outros que permeiam este assunto, o estudo tem como objetivo: 1- observar no âmbito escolar os gêneros na prática esportiva do futebol, pois o esporte em si é considerado masculino e se tratando do futebol é o mais masculinizado (ALTMAM, 1998). 2- compreender determinada resistência das alunas na prática do futebol nas aulas de educação física. 3- Buscar alternativas para diminuir mitos e crenças existentes nessas alunas em relação ao futebol.

Referencial teórico-metodológico

Para o alcance dos objetivos propostos neste estudo, seguimos o método de pesquisa-ação, em um campo que pode - se observar a aula, realizar uma investigação a respeito dela e agir na prática (TRIPP, 2005). Sendo assim, foi realizada uma observação das turmas em um período de seis meses, tendo em vista uma investigação de acontecimentos durante as aulas. Posteriormente, os acadêmicos começaram a agir na prática, avaliando o resultado desta ação e por fim verificando as mudanças. Para uma melhor compreensão e reflexão sobre o estudo já estabelecido, foram revisadas literaturas de alguns autores que tratam deste tema; os quais se encontram: Darido, (2002); Freitas, (2002); Altmann, (1998); entre outros.

Desenvolvimento

Na análise dos gêneros nas aulas que acontecem no colégio que atende alunos do ensino fundamental e médio, situado no bairro de Uvaranas, local densamente populoso e periférico da cidade de Ponta Grossa, PR. As aulas eram realizadas pela professora de Educação Física do colégio e pelos acadêmicos integrantes do projeto de extensão – PIBID. Os alunos observados eram do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, tinham o dever da participação do ensino proposto que aliavam a teoria e a prática, sendo que a prática era avaliada com 40 % da nota de avaliação integral correspondente ao desempenho escolar no bimestre e todo conteúdo aplicado era exigido em provas e trabalhos que correspondiam aos demais 60 %. Primeiramente, era realizado um momento de estudo teórico e planejamento antes das aulas, onde participavam a professora Supervisora, Orientador do Projeto e os acadêmicos.

Quando tratamos durante as aulas com estudo do futebol, algumas vezes de maneira mista e outras com alunos e alunas separados, pudemos observar a resistência por parte das meninas e uma facilidade particular dos meninos com a modalidade. No momento em que eram realizadas colunas para fazer os fundamentos, algumas alunas se escondem para não realizar o movimento proposto, possivelmente, por ter vergonha de errar na frente de todos os colegas, visto que existia uma grande dificuldade motora corporal para a realização das práticas. Autores como Thorne e Altmann (2002) salientam que, comparando a escola com grupos de amigos de bairros, concluiu que lugares mais populosos, como a escola, oferecem testemunhas em potencial e as gozações tornam as relações entre gênero mais arriscadas, aumentando a distância entre meninos e meninas e marcando fronteiras de gênero (DARIDO, 2002).

Outra situação é que antes do início das aulas vemos que as meninas ficam conversando sentadas, enquanto os meninos ficam correndo e chutam o que eles “tiverem nos

pés”, como ocorreram em alguns dias de observações, os alunos brincavam driblando uns aos outros com uma pedra, utilizando assim o espaço da quadra de esportes da escola.

Enquanto as meninas aguardam o início das aulas sentadas, os meninos correm de um lado para o outro ou se chutam, ou chutam a bola. Além disso, incluindo todos os momentos dentro da escola, os meninos chegam a ocupar 10 vezes mais espaço físico do que as meninas (DARIDO, 2002).

Observou – se um bom contato entre as alunas com o vôlei, tênis de mesa, xadrez e o basquete. A modalidade basquete, nessa escola, é prática comum, pois um professor treina times de meninos e meninas da escola voluntariamente, o que já resultou em conquista de algumas medalhas em campeonatos.

Ao notarmos os resultados obtidos por este professor, surgiu a ideia de utilizarmos a quadra do Colégio duas vezes por semana após a aula, para trabalhar o futebol em várias esferas. Primeiramente com meninas que se interessavam, visando à saúde através da atividade física, a participação de competições, lazer etc. Posteriormente, outras meninas, inclusive algumas que não gostavam de realizar as aulas de Educação física, começaram a participar desses momentos pós-aula. Foram criadas algumas regras dentro desse grupo de meninas, como ter um bom comportamento em todas as matérias e participar das aulas proposta pelo PIBID de Ed. Física. As aulas ficaram mais dinâmicas para essas alunas, elas não tinham mais receio de fazer os exercícios propostos e sempre perguntavam quando iria ter o conteúdo de futebol, com isso outras alunas impactaram-se e aos poucos foram ganhando autonomia durante as atividades, deixando as aulas mais prazerosas e animadas. Ao constatar toda essa mudança nas aulas, quando tratamos do tema futebol com as turmas, foi proposto um campeonato inter-series com equipes de ambos os gêneros, feminino e masculino, como trabalho bimestral. As equipes vencedoras do campeonato desafiaram as equipes formadas por acadêmicos e acadêmicas, sendo que os meninos jogavam contra os acadêmicos e as meninas contra as acadêmicas, proporcionando mais prazer nas aulas.

Vendo o esporte também como um grande fenômeno social, pode-se afirmar que esta prática proporcionou a essas alunas maior autoestima, autoconfiança e enquadramento axiológico em esferas sociais.

Considerações Finais

Conclui-se que, embora a mulher tenha conquistado espaço na sociedade, este ainda é limitado e não reconhecido em determinadas comunidades. Ao observar o contexto do colégio investigado, desvendou-se certa resistência por parte das alunas por acharem que são desprovidas de habilidades motoras para esta prática do futebol.

Ao colocar fim a essa visão perante esse grupo de alunos e alunas, tornou-se interessante que a questão da igualdade entre gêneros seja trabalhada na escola, tanto na prática como na teoria, oportunizando integração entre meninos e meninas, disseminando mitos existentes nesse contexto e promovendo valores sociais, morais e éticos.

APOIO: COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES.

Referências

DARIDO, Suraya Cristina. **Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica.** Rio Claro – SP: Revista Motriz, 2002.

DARIDO, Suraya Cristina; JUNIOR, Osmar Moreira de Souza. **A prática do futebol feminino no ensino fundamental.** Revista Motriz, v. 8, n.1, p. 1-9, Jan.- Abr. 2002.

ECOTEN, Márcia Cristina Furtado; CORSETTI, Berenice. **A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres.** Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, Santa Catarina. Agosto 2010.

FREITAS, Lígia Luís de. **Gênero e futebol feminino: preconceitos, mitos e sexismo na prática discursiva de docentes da educação física.** 2002. Fonte < <http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t236.pdf> > disponível: 12/04/2014.

GABRIEL, Bruno José; ALEXANDRE, Felipe; FREITAS JR, Miguel Archanjo. **As relações de gênero e futebol no contexto escolar: analisando as aulas de educação física do ensino médio do colégio estadual general osório.** 10º CONEX, 2012.

LANDINI, Tatiana Savoia; **Jogos habituais – sobre a noção de habitus em pierre bourdieu e norbert elias.** X Simpósio Internacional, Campinas – São Paulo. Abril de 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Educação e realidade v. 20, n. 2, 1995.

TRIPP, David; **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Educação e Pesquisa, v. 31, n.3, p.443-466, set.- dez; 2005.